

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº119 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VIII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

119



HISTÓRIA E MARXISMO

ALBERTO LINS CALDAS



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História – UFRO

www.unir.br/~caldas/Alberto - caldas@unir.br

HISTÓRIA E MARXISMO

A Dialética designava oposição de argumentos, razões, caráter, palavras. Sua matéria suportando contradições, oposições, antíteses foi utilizada de todas as maneiras possíveis, indo de um idealismo que nega o existente até o mais primitivo materialismo.

De Heráclito a Kant, de Hegel a Foucault a Dialética sempre se moldou ao seu dono, às visões que a moldavam, principalmente exigindo a criação de mediações (condição inescapável de toda Dialética). Mesmo sendo Hegel aquele que a tornou Método, Filosofia, apenas com o marxismo é que se tornará uma “expressão” inescapável, um *topos* mais que necessário, imprescindível para dar conta das modificações e das suas requeridas “pontes”: para o pensamento geral dos últimos duzentos anos o principal da Dialética não esteve em sua capacidade em funcionar com as contradições mas em criar mediações, saídas e propostas para um processo contraditório (medida mais que compreensível no capitalismo). Daí porque sua qualidade de “único meio de compreender a realidade racionalmente”, defendido por todos, mesmo de lados diametralmente opostos.

Sua maneira de não conceber algo isolado, fixo, propondo sempre o processo e a dinâmica, tomando seu objeto sempre historicamente, sujeito a modificações, evoluções, revoluções, numa relação íntima com o “contexto” é o espírito necessário do capitalismo: é a maneira dele próprio se pensar segundo sua própria existência, substância, reprodução e reprodução.

O “constante movimento e transformação”, o “tudo muda: natureza e sociedade, pensamento e ação” é este espírito. Sua matriz é a produção de mercadoria, sua exigência é a formação social: a Dialética é o “espírito do capital” tornado Filosofia, Método, Política, Visão de Mundo. Não somente porque trata com o movimento, mas porque o encadeia, naturalizando e universalizando como exige o capitalismo como estrutura existente somente em expansão e fagocitose.

A exigência do “organicamente estruturado” é um dos sintomas dessa “visão de conjunto” que, tanto no centro das ideologias, quanto nas suas periferias, é somente periculoso. As mediações que aparecem como “pontes”, “lógica”, são somente devorações, assimilações e destruições indiferentes da diferença.

As chamadas “leis da dialética” são exemplo do cientificismo escondido, da imobilidade móvel, da evolução escondida na pele da revolução. A “lei dos contrários”, dizendo que o real não é uma unidade, mas contraditória, e ainda assim tratando-a como “unidade dos contrários”. O movimento seria “produzido” por essas contradições, deixando de lado os tradicionais “motores externos da sociedade”: o mundo do capital se moveria pelo choque contínuo do capital e dos assalariados. A “lei da negação da negação” diz que o real se movimenta segundo “afirmações”, “negações” e “negações da negação”, sendo a “negação da negação” não somente uma nova “afirmação” mas uma superação (com novas contradições), o novo dentro do círculo dialético da realidade. A “lei da

transformação da quantidade em qualidade” defende que um acúmulo de tensões, descontentamento, impasses, modificações minúsculas e quantitativas produz de repente um “salto de qualidade” produzindo uma nova realidade.

Totalidade e unidade: as fragmentações do conhecimento e do real cediam à Razão. Tudo se integra “numa unidade superior”: a totalidade tornou-se um conceito fundamental. O sujeito torna-se o criador do real e o objeto sua criatura. Para Hegel “compreender o real” é a missão filosófica por excelência, mas sua posição é a mesma que regerá um dos requisitos da História: sem ser normativa, sem ser reformuladora: a coruja de Minerva (a Razão, a História, a Filosofia) sai somente à noite, depois que tudo aconteceu: para essa primeira dialética não há uma “História noturna”.

Em Hegel a Dialética é uma “reconciliação” (sujeito-objeto, real-razão, sociedade-política). Essa dimensão conciliadora não será dissolvida por Marx. Ele também anexará a sua visão de mundo a necessidade de mediações, a visão teleológica, a Natureza como suporte, a positividade como existência. Nele a Dialética se dirá revolucionária, a “perspectiva do trabalho”, o reposicionamento “sobre seus pés”, sobre bases materiais, produtivas, humanas e históricas. A inversão não desfez a Dialética, não dissolveu seus limites de proteção de sistemas contraditórios e em constante movimento como o de produção de mercadorias e capital: com Marx a Dialética tornou-se o principal mecanismo não somente de descrever e explicar o capitalismo como também um dos elementos fundamentais tanto para a lógica interpretativa quanto para a atividade produtiva e as políticas de sua defesa. Marx não depurou a Dialética: ele a tornou necessária para a “transformação, produção e reprodução do real”.

A “Dialética Materialista” de Marx não terá a insuportável passividade da de Feuerbach, que via o real como simples objeto a ser conhecido e o homem como obra desse ao-redor: não uma Razão para os novos tempos. Feuerbach ainda vive num universo intelectual, sem gerar uma ideologia fundamental e fundante para o que virá. A “Dialética Materialista” de Marx não terá pudores, ela nasce do eixo vivo do capitalismo: há uma constante e inextirpável relação entre homem e meio, os dois em constante movimento, inter-relação e processo, produção e reprodução, circulação e consumo, trabalho e exploração.

O processo capitalista multiplicou a divisão do trabalho numa minúcia espantosa; transformou a simples produção em megaprodução, deixando sem nome milhões de objetos com ínfimas funções; um aumento desordenado das necessidades em franca procriação e apoio a essas necessidades; os sistemas próximos à produção e a própria produção, precisando de Ciências especiais e delimitadas pelo objeto de sua ação; a sub-divisão de cada “antiga” Ciência para estudar cada “fragmento real”, perdendo internamente coerência e limite; esfacelamento, junto ao esfacelamento do “saber”, de cada conhecimento particular; criação de “mediações” epistemológicas e técnicas para funcionamento do sistema em forma de interdisciplinaridade; pulverização da consciência diante da “realidade” pulverizada e do “saber” que a acompanha e cria ou descobre; inclusão do “homem” não apenas como máquina, apêndice ou coisa, mas clone sem limites e sem identidade, não mais indivíduos, apenas reflexo-animal impotente da “realidade sócio-econômica”: o Oroboros morde a cauda: o ser social além de fisicamente animal, volta a ser animal diante do incompreensível: o que por um “instante” era cosmo agora é somente caos.

Este é o "mundo" visível, palpável e cotidiano. Pulverização, impotência e incompreensão de tudo e do todo, sangria em qualquer singularidade. Esta a realidade, cada vez mais real. O núcleo produtivo entretanto continua inatacável, singular, funcionando "como deve ser". Seu eixo é movido por todas as positivities e negatividades sociais: sempre se realiza, intocável. Enquanto o aparecer, o vivenciar, o ver, o trabalhar, o conhecer são puras migalhas, a base produtiva continua integral, seguindo seu "rumo natural".

Esse esfacelamento do conhecer e do viver é o modo subjetivo necessário da produção, sua maneira de funcionar. Sem isso ela desmoronaria: a fragmentação de tudo é condição especular da integralidade da produção, sua proteção, assim como o absorver todos os tipos de negatividade faz parte, antes de tudo, da subjetividade como condição das relações de produção.

A fragmentação não é "realidade" mas ideologia. A comunidade continua inteira, o ser social continua inteiro. O eixo produtivo, através de sua necessidade de esfacelamentos, gera imaginários que o alimentam e produzem. Vamos até às "realidades" sempre com os instrumentos técnicos e teóricos "criados" pela base produtiva. Só compreendemos fragmentando. De outra maneira nos perdemos, somos impotência-de-saber e impotentes nesta realidade, não vendo outra saída. Sem fragmentar negamos a nós mesmos e ao mundo.

O Materialismo Histórico é constituído para dar conta dessa realidade fragmentar, criando uma Ciência Proletária. Sua resposta nesse ponto é histórica: sua visão é a de totalidade. Mas a totalidade metamorfoseou-se em conceito vazio e ridículo, no mínimo inalcançável, por contradizer a "realidade" e o "conhecimento", a "percepção" e a "intuição" não podendo nada mais realizar: a totalidade é uma necessidade da própria visão do "mundo da mercadoria". A politicidade, cimento da totalidade, perde-se nas politicidades do poder, cimento ideológico do Estado. A singularidade de homens e coisas, tornada objeto para ser estudada, negação de si mesma, deixa de ser humana.

A fragmentação das Ciências é somente um primeiro grande momento, devendo ser substituído por uma "visão de conjunto" que foi antecedido pela Dialética e pelo Marxismo como um todo.

O pressuposto do Materialismo Histórico ("o ser social é resultado das suas necessidades materiais de existência"), propondo uma "análise global" onde as mudanças e as forças nas partes interfere no todo e se condicionam mutuamente (tendo como Método a Dialética) é o próprio espírito que seria construído lentamente durante a segunda metade do século XIX e no século XX. Inclusive com seus "arremedos burgueses" como a Teoria Geral dos Sistemas, o Estruturalismo e as "novas correntes da totalidade dialética" como as de Edgar Morin e Ylía Prigigine. Tanto o pressuposto como a maneira de estudar do Materialismo Histórico entraram não somente dentro de praticamente todas as "visões de mundo" como fazem hoje parte dos próprios elementos imaginários do capitalismo.

No prefácio da "Contribuição à Crítica da Economia Política" (1977) temos a idéia de Marx das "leis mais gerais do materialismo histórico". As ações e os pensamentos têm seu fundamento não nas instâncias singulares, mas na "organização social", no agir e no pensar ad-vindos das relações sociais: mesmo assim Marx não conseguiu ir além dessa materialidade hipnótica da própria realidade, vendo somente a estratificação entre indivíduo e sociedade, as "forças produtivas" pondo e dispondo

os indivíduos, sem ver a “perversa imaterialidade” de tudo: sua ótica materialista ficaria e ainda é fundamental para o próprio “mundo do capital” exatamente por isso. Sua idéia de que a “humanidade só se propõe a resolver os problemas que objetivamente já possuem condições” abriu margem para uma Sociologia objetiva, a uma idéia de Sociedade como “comunidade natural”, criação do bicho homem: história, mas história sem indivíduos, história de massas, de blocos, de estruturas. E, conseqüentemente, como um processo teleológico, com leis escondidas, com uma Natureza por fora e por dentro, cria um “espírito messiânico” e um “messias”, camuflados em “processo histórico” e “proletariado”, tudo muito bem dobrado sobre si mesmo, aparecendo como Ciência, Política, Economia, História, Ética.

Deixando de enfrentar as dimensões virtuais da “realidade social” o marxismo é apenas um dos suportes teóricos e técnicos do mundo do capital, uma das suas saídas de emergência. Um “conhecimento objetivo da História” teria como fim desprender o sujeito da ignorância, possibilitando a revolução do seu mundo, mas a concepção de tempo de Marx é o mesmo da Ciência, da Física, da Economia, do senso comum: é uma dimensão morta. O presente para ele é conseqüência do passado: seu viés despolitizante só aparece “em última instância”, isto é, quando se tenta modificar o passado por ser o presente uma fina fatia de nada que move desdobrando imaginários: o limite externo é a Natureza (o tempo é uma das suas dimensões), o limite interno é a imobilidade de um imaginário social ou individual onde o passado já-aconteceu (imovelmente despolitizado) e o presente é constantemente raptado pela repetição e pelo esquecimento, enquanto o futuro é sempre uma imobilidade farsesca: é o predomínio e a preservação da Natureza e da história, o poder sempre crescente do “Homem” em direção à felicidade do consumo, a felicidade como fim: o animal satisfeito passa pelo homem para reencontrar no fim o animal satisfeito.

A “dimensão dialética” dessa História (a impossibilidade de sair de um dos pólos que ela mesma cria, projeta e reproduz) apagou a multiplicidade viva em convivência em nome de uma única realidade, móvel, dinâmica, histórica, social, mas única (universal, natural).

A História Marxista não é muito diferente das outras “Escolas de História”. A única diferença é que ela trabalha com um apelo fundamental: a luta no meio e a felicidade no fim: não há consumidor que resista.

BIBLIOGRAFIA

- CALDAS, Alberto Lins. ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA. Loyola, São Paulo, 1999b.
- CALVEZ, Jean-Yves. O PENSAMENTO DE KARL MARX. Tavares Martins, Porto, 1975.
- CASTORIADIS, Cornelius. A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA SOCIEDADE. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.
- DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. MARX E A NATUREZA EM O CAPITAL. Loyola, São Paulo, 1986.
- ENGELS, Friedrich. DIALECTICA DE LA NATURALEZA. Editorial Grijalbo, México, 1961.
- _____. ANTI-DÜHRING. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- FLEISCHER, Helmut. CONCEPÇÃO MARXISTA DA HISTÓRIA. Edições 70, Lisboa, 1978.

GRAMSCI, Antonio. CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. LECCIONES SOBRE LA FILOSOFIA DE LA HISTORIA UNIVERSAL. Alianza Editorial, Madrid, 1986.

KOSIK, Karel. DIALÉTICA DO CONCRETO. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

LEFEBVRE, Henri. O FIM DA HISTÓRIA. Dom Quixote, Lisboa, 1971.

_____. PARA COMPREENDER O PENSAMENTO DE KARL MARX. Edições 70, Lisboa, 1975.

_____. SOCIOLOGIA DE MARX. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1979.

LÖWY, Michael. AS AVENTURAS DE KARL MARX CONTRA O BARÃO DE MUNCHHAUSEN. Busca Vida, São Paulo, 1987.

LUKÁCS, Georg. HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE. Publicações Escorpião, Porto, 1974.

_____. EL ASALTO A LA RAZÓN. Grijalbo, Barcelona, 1975.

_____. ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: OS PRINCÍPIOS ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS DE MARX. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979a.

_____. ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: A FALSA E A VERDADEIRA ONTOLOGIA DE HEGEL. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979b.

_____. EXISTENCIALISMO OU MARXISMO. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979c.

MARCUSE, Herbert. MATERIALISMO HISTÓRICO E EXISTÊNCIA. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.

MARKUS, Gyorgy. TEORIA DO CONHECIMENTO NO JOVEM MARX. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1974.

MARX, Karl. O CAPITAL. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

_____. A IDEOLOGIA ALEMÃ. Presença, 2 vol., Lisboa, 1976a.

_____. MISÉRIA DA FILOSOFIA. Grijalbo, São Paulo, 1976b.

_____. CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA. Martins Fontes, São Paulo, 1977.

_____. A SAGRADA FAMÍLIA. Presença/Martins Fontes, Lisboa, s/d.

MEHRING, Franz. O MATERIALISMO HISTÓRICO. Antídoto, Lisboa, 1977.

MÉSZÁROS, Istvan. MARX: A TEORIA DA ALIENAÇÃO. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL. São Paulo, Ensaio, 1993.

_____. O PODER DA IDEOLOGIA. São Paulo, Ensaio, 1996.

MONDOLFO, Rodolfo. ESTUDOS SOBRE MARX. Mestre Jou, São Paulo, 1967.

PLEKHANOV, George. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO MARXISMO. Hucitec, São Paulo, 1978.

SCHAFF, Adam. HISTÓRIA E VERDADE. Martins Fontes, São Paulo, 1978.

SHAW, William. TEORIA MARXISTA DA HISTÓRIA. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

SROUR, Robert Henry. MODOS DE PRODUÇÃO: ELEMENTOS DA PROBLEMÁTICA. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

VÁZQUES, Adolfo Sánchez. FILOSOFIA DA PRAXIS. Paz e Terra, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1977.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

olhou e viu

no sol

um olho d'água

a luz

iluminamoitava

a face rosa

pensou chorar

e já chorava

CARLOS MOREIRA